

## ARTIMANHAS DA MALANDRAGEM E MEMÓRIA DISCURSIVA EM PERSONAGENS DO COTIDIANO: PEDRO MALASARTES E MINEIRINHO LADRÃO, OS “FORA DA LEI”

Anderson de Carvalho Pereira<sup>1</sup>  
Leda Verdiani Tfouni<sup>2</sup>

**RESUMO** – O artigo mostra o processo de ressignificação em discursos do cotidiano. Em torno da polissemia de sentidos de “malandragem”, a noção de memória discursiva da Análise de Discurso francesa é mobilizada para a análise de um *corpus* formado pela narrativa “Pedro Malasartes”, contada por uma mulher não alfabetizada, pela letra da canção “Cowboy fora da lei” de Raul Seixas e pela entrevista do “Mineirinho Ladrão” ao ser preso em decorrência de uma tentativa de roubo, tal como veiculada em ambiente virtual (*youtube*). Apontamos formações imaginárias que veiculam a naturalização e a subversão dos sentidos de “malandragem”, “roubo” e “herói” por conta do modo como os diferentes pontos da memória discursiva sinalizam uma polissemia apontando efeitos de sentido desses “heróis sem nenhum caráter”.

**Palavras-chave:** Narrativas Oraís. Discurso. Memória. Letramento.

**RÉSUMÉ** – L'article présenté le processus de resignification vers une polysémie du sens sur “malandragem” (magouille) à la tradition orale brésilienne, a partir du cadre théorique de l'Analyse du Discours française et son concept de mémoire discursive. Le *corpus* se compose de fragments d'un récit oral intitulé « Pedro Malasartes » raconté par une femme non alphabétisée, par la parole de « Cowboy fora da lei » et un interviewé par la grande presse appelé « Mineirinho », à la suite d'une tentative de vol. On remarque formations imaginaires qui soutiennent une naturalisation et la rupture du sens de « magouille » (malandragem), « vol » et « héro » étant donné qu'il y a été possible identifié plusieurs sens menés par les différents lieux de la mémoire discursive, qui sont de cette façon ouvertes vers une polysémie.

**Mots-clés :** Récits Oraux. Discours. Mémoire. Littéracie.

### 1 Introdução

Este artigo procura explorar o processo de ressignificação de uma conhecida história da tradição oral denominada “Pedro Malasartes”, e acrescenta uma discussão sobre os fios da

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia, Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Endereço institucional: Rodovia BR 415, s/n, *campus* da UESB, Itapetinga-BA. Email: [apereira.uesb@gmail.com](mailto:apereira.uesb@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística, Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo (campus de Ribeirão Preto), pesquisadora do CNPq. Endereço institucional: Avenida dos Bandeirantes, 3900. Campus da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP. Email: [lvtfouni@usp.br](mailto:lvtfouni@usp.br)

memória discursiva possíveis de serem mobilizados em relação à música “Cowboy fora da lei”, além de um depoimento concedido a um telejornal em decorrência de uma situação de roubo ocorrida no interior de Minas Gerais, veiculado na rede youtube sob o título “O Mineirinho Ladrão, o bombadão e a suvaqueira”<sup>3</sup>.

Trata-se da análise do jogo de atribuição de sentidos em que um arauto do saber oral (“Pedro Malasartes”) e a zona de sentidos que recobre a memória discursiva sobre “malandragem” são mobilizados para se discutir traços de singularidade e as sutilezas da subversão dos sentidos em redes de memória compartilhadas no cotidiano. Em meio aos (des)caminhos da interpelação ideológica, trata-se de redes de memória sinalizadas pela marca do significante “malandragem” que se tornam caras a um lugar no imaginário que se mostra como uma marca de nacionalidade.

## 2 Malandragem – que significante é este?

Eis o malandro na praça outra vez/caminhando na ponta dos pés.  
*Chico Buarque*

Em sua canção “A volta do malandro”, Chico Buarque define como este tipo social brasileiro, denominado “malandro” é significado no espaço público; sua presença marcante e persistente é um jogo político em abertura irresoluta. O malandro adquire um corpo e é identificado como componente do espaço público (“praça”); sorrateiro, espertalhão, sempre pronto a dar o golpe; seu andar sutil e disfarçado é premeditado para não assustar a vítima.

Da Matta (1997) analisa a circulação desse tipo social na esfera das festas coletivas da ordem social brasileira no espaço público, marcado pelo autoritarismo e a violência da rigidez das normas sociais e do desnivelamento entre aspectos da familiaridade (no sentido de personalismo) e do aparente anonimato das regras.

O autor mostra a contradição entre a marca individual e corpórea do drible nas regras do brasileiro cordial (BUARQUE DE HOLANDA, 1936/1995) e a subversão da necessidade imposta pelas elites acerca da tomada de consciência social das regras, imposição esta que traduz aspectos da esfera pública com que a cordialidade do homem brasileiro deve lidar, tais como: gravidade dos conflitos pessoais, desconfiança, duplicidade do anonimato, já que deste

---

<sup>3</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=pU8\\_o622ReA](https://www.youtube.com/watch?v=pU8_o622ReA)>. Acesso em: 13 set. 2014. Postado por PC Amaral.

homem é exigida a aparição em meio ao dilema entre a roupagem social disparatada, entre uma ética burocrática e outra, mais voltada ao interesse pessoal.

Esta cordialidade é marcada por Buarque de Holanda (1936/1995) quando debate o valor moral em questão nos hábitos laborais dos portugueses desde sua relação com os árabes e as questões da usura e do ócio, bem como da superficialidade e pessoalidade das atitudes embaladas em marcas de exterioridade que nos rituais fazem apelo a um aspecto intimista. A partir da referência a estes autores, Barbosa (1992) debate sobre a relação entre cordialidade, jeitinho e malandragem, ao enquadrar o malandro como personagem do “jeitinho brasileiro”.

O “jeitinho” faz parte de uma espécie de técnica cotidiana de driblar regras, baseada num pressuposto que o vincula à própria prática que o condena, a burocracia. Ele varia de significado e de contexto e pode ter valor de corrupção ou favor, conforme o contexto e o lugar social de quem o executa e/ou recebe. Pretende ter alcance universal, deslizando entre termos como malandragem, ginga, jogo de cintura (expressão que remete à ginga da capoeira e do samba), mas atrelado ao campo semântico da cordialidade (HOLANDA, 1936/1995; BARBOSA, 1992; MATTA, 1997).

Embora se pretenda universal, o jeitinho necessita de um personagem, um lugar social que o veicule; e este lugar faz parte de uma instituição “paralegal” chamada “malandragem” que se personifica no malandro, que assim pode ser:

Concebido como a personificação do espírito que permeia o jeitinho (...) o personagem malandro como o ritual do jeitinho reproduzem e atualizam aspectos ambíguos da sociedade brasileira (...) e promovem a interseção entre dois mundos diferentes: o legal, o honesto, positivo com o ilegal, desonesto e negativo. (BARBOSA, 1992, p. 44)

É dessa noção principal que retomamos partes da memória discursiva em torno dos efeitos de sentido de “malandragem” em nosso *corpus* de análise. Para isto, passaremos por alguns conceitos da Análise de Discurso francesa, a fim de situar o enlace entre teoria e análise.

### **3 As noções de história, memória discursiva e ideologia**

Henry (1994) compreende a história como o lugar da constituição dos sentidos: é exatamente porque todo fato ou evento exige sentido, pede interpretação para ser compreendido, bem como que lhe atribuíamos razões e implicações, que se constitui a história. Diz ele:

(...) é nisso que consiste a história: nesse fazer sentido, mesmo que possamos divergir sobre esse sentido em cada caso.” (HENRY, 1994, p. 52). A historicidade implica, portanto, trânsito, movimento, contradição, características estas que lhe são primordiais. Isto também significa que, como coloca Foucault (*apud* Henry, *op.cit.*), não se pode atribuir a priori um sentido a essa agitação da história. É o que afirma novamente Henry: “(...) reencontramos esse movimento da História de que falava Foucault, movimento que não convém tanto relacionar a potencialidades, a um sentido, uma direção, mas, assim como Marx o havia já discernido, à existência de contradição. (HENRY, 1994, p. 45) <sup>4</sup>

Nesse sentido, todo e qualquer dizer tem um caráter inescapavelmente histórico, ou seja, é impossível pensar na linguagem, no sujeito e no sentido fora dessa relação, que caracterizaremos como visceral: condição necessária de constituição e de funcionamento de todo e qualquer discurso. É isto que confere ao acontecimento de linguagem um caráter repetível, especialmente por sua relação com uma (ou mais) formação discursiva: os dizeres possíveis em determinado momento sócio-histórico. O acontecimento da ordem do repetível, ao entrar em contato com o novo, específico de um dado tempo, re-atualiza a enunciação, o que pode levar à emergência de um novo sentido em um enunciado, ou, ainda, a um novo enunciado. Mas como fica o papel da memória nesse processo?

Trata-se de falar aqui de um processo componente da memória discursiva, de onde derivam os dizeres historicamente interpretados como legítimos, socialmente dominantes e convenientes sobre o assunto, e onde são apagados aqueles sentidos ameaçadores para a ordem social vigente. Assim, memória e história são engrenagens de um mesmo processo, funcionando de forma intrincada e com uma dialética de sentidos latentes, que às vezes parecem recitar o mesmo verso, às vezes produzir o ante-verso. Este processo, que constitui um lócus de sentidos, resgata um arquivo já constituído sobre o tema, durante o processo de enunciação. A memória é definida pela Análise do Discurso como o interdiscurso, o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito, que possibilita todo dizer, e trata-se de um postulado de horizonte largo e irrequieto. Pêcheux esclarece este conceito da seguinte maneira:

---

<sup>4</sup> Alertamos que Henry cita Foucault em sua argumentação sobre o conceito de história, mas não apresenta a referência da obra mencionada.

(...) propomos chamar interdiscurso a esse ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas. (...) o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência de sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que ‘algo fala’ (ça parle) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1993, p. 162)

Como sabemos que, para a Análise do Discurso, o processo de circulação de sentidos não se dá nem de maneira neutra nem homogênea, visto que a sociedade é desigual em sua base, levanta-se aqui, então, a questão da legitimação das práticas discursivas, o que implica considerar também o lado da perda, no sentido de que incorporaremos à teoria aquilo que Certeau menciona como “uma outra coisa”, que é calada - recalçada, melhor dizendo - mas que, no entanto, retorna, “escapando à dominação de uma economia sócio-cultural, à organização de uma razão, à escolarização obrigatória, ao poder de uma elite e, enfim, ao controle da consciência esclarecida” (CERTEAU, 1999, p. 252), à qual o autor se refere da seguinte maneira:

[essa voz que é calada] volta a aparecer fora dessa escritura transformada em meio e em efeito da produção. Ela renasce ao lado, vindo de um além das fronteiras atingidas pela expansão da empresa escriturística. Uma outra coisa ainda fala, e ela se apresenta aos senhores sob as figuras diversas do não-trabalho – o selvagem, o louco, a criança, até mesmo a mulher- depois, recapitulando muitas vezes as precedentes, sob a forma de uma voz ou dos gritos do Povo excluído da escrita. (CERTEAU, 1999, p. 252)

Na discussão que empreendemos neste artigo, o corpus mobilizado traz à tona materialidades possíveis dessa voz sufocada e recalçada pelos sentidos dominantes. Tomar a malandragem como temática implica uma posição de resistência. É para isso que serve a Análise do Discurso. É a memória que regula, conserva e, ao mesmo tempo, promove o rompimento, o deslocamento da ordem (r)estabelecida do sentido de um enunciado. Este conceito ancora-se em uma dinamicidade que se mostra também na forma como os acontecimentos históricos são ou não inscritos na memória, em como são aspirados por ela ou nela instituem uma falha, uma fissura. Isto porque a memória é constituída por uma materialidade intrincada e complexa, advinda de diferentes acontecimentos materializados linguisticamente, que deixaram o domínio da indiferença em um dado momento sócio histórico (DAVALON, 1999), porque não foram alçados à interpretação. Pêcheux referindo-se ao papel da memória, nota que:

Essa regularização discursiva que tende assim a formar a lei da série do legível, é sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória: a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa ‘regularização’ e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira. (PÊCHEUX, 1999, p. 52)

O autor refere-se, aqui, à noção de deriva dos sentidos, processo que denunciaria as vicissitudes da memória sob o choque do acontecimento: o vai-e-vem da paráfrase, que cooptando o acontecimento, pode sorvê-lo e eventualmente diluí-lo; e da polissemia, que age desregulando, perturbando, em uma “espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (PÊCHEUX, 1990, p. 53). O acontecimento discursivo, enquanto gerador de movimentos de deriva, decorrentes de perturbações na rede da memória, este é o tema da obra definitiva de Pêcheux sobre estas questões (PÊCHEUX, 1990).

Assim, as formações metafóricas que concretizam a deriva (origem do acontecimento) inserem-se também na história particular, ou seja, na memória do sujeito. Deste modo, as atualizações na língua são produto da história social e da história particular, as quais possibilitam ao sujeito alocar-se em sítios de significação (materializados em cadeias de significantes): lugares específicos no interdiscurso, que vão servir de âncora para o sujeito do discurso durante o ato de enunciação.

Reafirmamos que a memória é processo dotado de um âmago dialético: por um lado, o que pode e/ou deve ser retomado, recuperado; por outro lado, o que pode e/ou tem por obrigação/condição transformar, deslocar. A materialidade discursiva é estruturada de forma emaranhada, intrincada “(...) a memória discursiva seria aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1990, p. 52). É a garantia da legibilidade, e ao mesmo tempo a possibilidade de irrupção do novo, via deslizamento de sentidos.

As retomadas que são feitas sobre a figura do herói e as contradições entre lugares discursivos que os sujeitos que produzem o *corpus* aqui analisado indiciam são, portanto, produto do jogo de forças entre posições discursivas diversas, ora reproduzindo a ideologia dominante, onde o malandro e o herói são representados como figuras respectivamente recriminadas e louvadas, ora, ainda, como parte de uma memória de resistência, onde o tecido linguisticamente tramado por essa ideologia é colocado no avesso; herói passa a significar

polícia (perigo), e malandro passa a significar herói no discurso da malandragem.

A partir desse quadro teórico, propomos investigar, no *corpus* selecionado, que será definido a seguir, os pontos de retorno que podem ser sinalizados entre as diversas narrativas em pauta, e que tipo de relação estabelecem com o interdiscurso sobre o malandro e o herói.

#### 4 Formação e análise do *corpus*

Nosso *corpus* é formado pela narrativa “Pedro Malasartes” tanto em sua versão popularizada por escrito pelo trabalho de Cascudo (2003), quanto em uma retomada no discurso oral, tal qual é contada por “dona” Madalena, uma mulher negra e não-alfabetizada, moradora de Ribeirão Preto-SP. Selecionamos, ainda, a letra da música “Cowboy fora da lei” de Raul Seixas, além de um depoimento dado à imprensa por um cidadão acusado de roubo, apresentado em um vídeo veiculado na internet denominado “O Mineirinho Ladrão, o bombadão e a suvaqueira”<sup>5</sup>. Um contraponto literário também foi realizado, tomando como referência o romance “Macunaíma”, de Mário de Andrade (1928/1986).

Do ponto de vista do eixo paradigmático que organiza esse corpus, as questões acima podem ser entendidas a partir de Pêcheux (1993), pois analisamos pontos da memória discursiva (por meio de efeitos de pré-construído) e um efeito de transversalidade, em que algumas articulações acerca da “malandragem” são tornadas evidentes pela ideologia e/ou subvertidas, por efeito da polissemia dos sentidos.

A base para a análise aqui empreendida filia-se ao paradigma indiciário de análise proposto por Ginzburg (1989) e retomado por Tfouni (1992). Diferentemente do paradigma galileano, cujos efeitos são conhecidos a partir do conhecimento das causas, fundadas na generalização, aqui o suposto conhecimento das causas de um acontecimento se dá a partir dos efeitos; ou seja, é *a posteriori* que se levantam hipóteses muitas vezes contraditórias sobre as marcas desse acontecimento. Assim, a análise ocorre somente depois de serem levantadas algumas hipóteses, no caso, sobre os fios de memória do corpus e suas relações de alteridade (contradição entre semelhanças e diferenças) que marcam diferentes modos de retomada, paráfrases linearizadas em torno dos efeitos de sentido sobre “malandragem” e “herói”.

Tfouni (1992) afirma que nesse referencial interessam os dados marginais. Isso porque, como aponta Orlandi (1996), é na opacidade da linguagem que se sustenta a relação indireta do

---

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=pU8\\_o622ReA](https://www.youtube.com/watch?v=pU8_o622ReA)>. Acesso em: 13 set. 2014. Postado por PC Amaral.

pesquisador com o “objeto” pesquisado. É o momento em que o analista descreve, ao mesmo tempo em que interpreta, o *corpus*, e mexe com seus efeitos ideológicos e as questões sobre os fios de memória tecidos ao redor dos significantes “malandragem” e “herói”.

Retomando o que afirmamos acima, ao lidar com a memória discursiva, o analista faz o *corpus* implicar “redes de memória” (COURTINE, 1982), permitindo deslocamentos sutis nos universos semanticamente estabilizados e na regularidade na organização dos arquivos. Dentro disso, cabe indagar: de que maneira o *corpus* de análise mantém uma “realidade significativa” (ORLANDI, 2001), por meio de outros dizeres que o sustentam?

Sabemos que a Análise do Discurso não lida com o sentido literal, transparente e unívoco, e sim com o efeito ideológico; nesse sentido, veremos que, ao jogar com alguns sentidos “já lá”, o sujeito, ao mesmo tempo em que põe em circulação algumas reviravoltas desses sentidos, estabelece alteridades com outras zonas de significação (atualização e ressignificação) por meio das quais se abrem “zonas de sentido” em sítios de significação sobre a “malandragem”.

Considerando essa contribuição, pretendemos seguir aqui o percurso de um fio de memória discursiva que passa pelo efeito ideológico que naturaliza o personagem de “Pedro Malasarte” como “priguiçoso” (na narrativa de dona Madalena), ou como ícone da esperteza (em Cascudo); topicalizaremos ainda as rupturas que ocorrem no vídeo do “Mineirinho Ladrão” e na música “Cowboy fora da lei”. Por fim, retomamos a questão da malandragem e do heroísmo no personagem Macunaíma de Mário de Andrade.

### **5 Análise: processos de ressignificação em torno da “malandragem” e do “herói”: *Pedro Malasartes, Cowboy fora da Lei e Mineirinho Ladrão***

Começamos por mostrar de que forma uma narrativa cânone da tradição oral brasileira e luso-ibérica denominada “Pedro Malasartes” significa a partir de “zonas de sentido” ligadas ao trabalho, ócio, lazer, e, em seguida, como circula em termos de um saber discursivo, provocando familiaridade e estranhamento em relação ao “cowboy fora da lei” e ao “Mineirinho Ladrão”.

Começamos pelo processo de ressignificação em “Pedro Malasartes”, retomando Pereira (2009). Pedro Malasartes é um personagem emblemático da cultura brasileira; que, tal como é dissecada por Cascudo (1984), permite apontar a concentração e a diversidade de saberes nele envolvidos.

A história de Pedro Malasartes, presente em diversas regiões do Brasil, coletada por Cascudo (1984) e por Posada (1984), e cujas “origens” remontam a Portugal, é a história de um homem comum. Uma das passagens aponta como ele consegue comida, utilizando-se de artimanhas, numa ocasião, em que aposta com os colegas que conseguiria almoçar com a ajuda de uma fazendeira avara da redondeza. Sendo assim, ele sugere a esta que é possível fazer uma sopa de pedras, cuja vantagem está em se tratar de uma refeição muito econômica. Dessa forma, ele convence a fazendeira a começar a cozinhar as pedras num caldeirão, enquanto ela resolve, uma vez que a economia dos elementos principais da refeição já era um atrativo, colocar diversos legumes e temperos na sopa. Num momento de distração da mulher, ele pega pra si o caldo grosso, e deixa-a com o ensopado de pedras.

Em Pereira (2009), apontamos um anagrama na nomeação “Malasartes”, articulado por uma metonímia causada pela homonímia da nomeação: um homem comum faz do “mal azar” (*malasar*) uma prerrogativa sua. Ou ainda, em uma segunda interpretação, faz **arte** (no sentido de expressão artística e de traquinagem).

Na narrativa oral que é objeto de análise neste texto, surgem várias semelhanças com a versão coletada por Cascudo (2003); assim, o personagem principal, o “mesmo” Pedro Malasartes, habitante da zona rural, utiliza-se de artimanhas para almoçar e para conseguir os porcos do rei e se casar com a princesa. Como veremos adiante, a história de Pedro Malasartes contada por “dona” Madalena, por sua vez, mostra parte desses saberes da tradição oral, que para Cascudo (1984) documentam mais do que muitos adornos concretos, pois sinalizam histórias variadas de modos variados de ser e de alimentar as interações sociais, tal como se fosse um “leite intelectual” (expressão do autor).

O autor também defende que narrativas como essa expressam a organização de um grupo local, remetendo-o à sua ligação com o exterior. Ele mostra como as narrativas de Portugal fizeram circular na Europa e no Brasil um tipo social já presente nas novelas dos séculos XVI “desenvolto, airado, cínico, fura-mundo, inesgotável de expedientes, e fértil em habilidades inescrupulosas” (CASCUDO, 1984, p. 253-255) que foi trazido ao continente americano.

Cascudo (2003) nos traz a história de dois irmãos de origem pobre, João e Pedro. O primeiro deles sai para trabalhar na roça e é explorado durante um ano pelo fazendeiro patrão, por meio de contratos impossíveis de serem cumpridos. Com o retorno do irmão, Pedro busca trabalho no mesmo lugar para vingá-lo. O fazendeiro o faz prometer que não rejeitará serviço e que lhe tiraria o couro caso se zangasse ou revoltasse com algum pedido. No primeiro dia, Pedro vai trabalhar em um milharal sob promessa de voltar para almoçar somente quando a

cachorra que o acompanhava também voltasse; assim, ele espanta a cachorra com uma surra e consegue ir almoçar (PEREIRA, 2009).

Seguem-se vários desafios impostos pelo patrão com o objetivo de deixar Pedro zangado. São eles: limpar uma roça de mandioca, o que ele faz limpando inteiramente o terreno; arrancar madeiras sem nó, o que Pedro faz retirando todas as bananeiras da roça, pois bananeira não tem nó; colocar o carro de boi numa salinha pequena, sendo que Pedro atende ao pedido picando a madeira do carro e esquartejando os bois. Por fim, quando o patrão lhe pede para vender os porcos, ele os vende com os rabos cortados, e implanta os rabos dos animais na terra. Mesmo tendo vendido, Pedro alega ao patrão que a venda não foi possível, e que os rabos implantados na terra são uma espécie de marcador para ele controlar a futura venda dos porcos. Ele explica, então, ao patrão que a cada porco vendido, um rabo de porco seria retirado do solo, quando, na verdade, os porcos já haviam sido vendidos sem rabo. O patrão, portanto, é enganado, pois enquanto pensava que os porcos eram vendidos, eles já haviam sido vendidos e Pedro havia guardado o dinheiro para si (PEREIRA, 2009).

O fazendeiro, ao perceber que aquele empregado lhe trazia prejuízos e desavenças, resolve matá-lo numa emboscada. Para isso, combina com Pedro que durante a madrugada trocariam guarda para a vigia do curral. Mais ágil, Pedro combina com a mulher que ela apareceria no lugar previamente combinado com o patrão para verificar a presença deste. Neste momento ela é alvejada e morta, enquanto ele aparece do lado oposto e testemunha o assassinato. Pedro perde a mulher, mas não a oportunidade de aparecer para acusar em flagrante o patrão. Por fim, para não dar queixa à justiça, e para Pedro ir embora dali, o patrão lhe dá muito dinheiro (PEREIRA, 2009).

Na história oral contada por “dona” Madalena, Pedro Malasarte vai ao palácio do rei e pede serviço. O patrão, nesse caso o rei do palácio, avisa-o que ele deveria ir almoçar conduzido pela cachorra. Pedro bate na cachorra e esta retorna ao palácio. Ele, então, acompanha-a e almoça. Em seguida, o rei se surpreende com o fato de ele ter carpido todo o terreno. Na sequência, acredita em Pedro Malasarte quando este diz que não vendeu os porcos porque estavam enterrados. O rei aceita que Pedro se case com a princesa por dois motivos. Primeiro, por acreditar que Pedro é de confiança porque ele não teria vendido alguns porcos atolados no brejo, quando na verdade, vendera-os. Segundo, porque Pedro responde ao seguinte desafio: adivinhar quais eram as características de uma porca que se encontrava escondida numa caixinha. Adiante, a trama segue com outros três desafios (um imposto pela princesa e os outros dois pelo pai) a serem cumpridos para que Pedro possa entrar para a família do rei. Ele obtém

sucesso nos dois primeiros; no último, ele não é aprovado e a princesa agradece por se livrar dele.

Em Pereira (2009), mostramos que à função imaginária do “eu” do sujeito-narrador é necessária para que assim o interlocutor compartilhe com ele a ilusão de completude. É o caso, nesse processo de ressignificação, da forma pela qual o sujeito-narrador, sem se dar conta dessa operação, permite detectar a circulação de elementos de saber interdiscursivo. É esse um efeito da memória discursiva, que, mesmo disfarçada em linearidade, é marcada por buracos do simbólico (PÊCHEUX, 1999), que se desdobram em paráfrases e significações, o que será ilustrado a seguir.

Na sequência discursiva (SD1) abaixo, retomamos esta análise que mostra como o controle da deriva, ao se articular pela retomada das histórias coletadas por Romero (1954) e Cascudo (2003, p. 188), também se aliena a uma zona do sentido dominante acerca da relação entre produtividade, tempo e trabalho.

É a partir dessa região do sentido que continuam os movimentos de ressignificação do significante “Pedro Malasarte”, por meio de um mecanismo ideológico alienado a uma formação discursiva dominante, que estabelece uma correspondência direta entre o significante “priguiçoso” e os enunciados: “ele só fez isso”, “porque cê num fez direitu” e “ele gostava nada, num gostava di fazê nada”. Vejamos a SD1 retirada da narrativa “Pedro Malasartes” contada por dona Madalena:

**S D 1** – (v.n.) U Pedro Malasarti, ele, foi nu paláciu, ele era mu, **muito priguiçoso** (...) (v.n.) Aí ele foi lá. Di veiz dele capiná o arroz, u mio i u feijão, dereitinho. Ele foi lá, capinô ro, cortô o milho, cortô u arroz tudu, i, i cortô u feijão, largô matu. **Largô u matu lá.** Aí, a, a cahorrinha nada, num ia imhora. I ele, i ele loco pa cumê. Ele pegô uma vara, falô: (v.p. Pedro Malasarte) - Cê qué vê essa cachorra imhora? (v.n.) Ele pegô u'a vara, i pegô a cahorrinha di, di surra. (...)  
(v.p.rei) - Eu, agora vô lá vê u serviçu qui cê feiz, pra mim ti pagá, cê disse qui já cabô. **Se, u serviçu, já cabô serv, cê chegô, cabô tudu us arroz, tudu us feijão, tudu us miu qui tava plantadu, i largô us matu. Ele num capinô nada. Ele só fez isso.** Aí u rei pegô, u rei pegô falô assim: (v.p. rei) - Cadê u mantimentu qui tava aqui? (v.n.) Aí ele falô assim: (v.p. Pedro Malasarte) - Uai, u senhor num mandô eu capiná, eu carpi. (v.p. rei) - Pedru, era pa capiná u matu. Não era pa capiná u mantimentu. Desse jeitu num vai não. Eu num posso ti dá mais serviçu. (v.n.) Aí e, a, ele diss: (v.p. rei) - Eu num posso ti dá mais serviçu, **porque cê num fez direitu.** Mais eu tenho uns porco, pa oiá, lá imbaxo nu breju, eu vô dexá você vi tomá conta dus porco. (v.p. Pedro Malasarte) - É, eu gosto di tomá conta. (v.n.) **Ele gostava nada, num gostava di fazê nada.**

(Legenda: v.n.- voz do narrador; v. p.- voz do personagem)

De início, nota-se que a esperteza e a artimanha que caracterizam o personagem na narrativa de Cascudo dão lugar a “priguiçoso”. No processo de ressignificação, o sujeito-

narrador retroage “num gostava di fazê nada”, “cê num feiz direito” e “num capinô nada”, com a marcação anunciada no início da narrativa e topicalizada por “ele era mu, muito priguiçoso”.

Há indícios na sequência que permitem retomar a versão apresentada por Cascudo (2003b), na qual esse trecho poderia ser atribuído à segunda tarefa imposta pelo patrão, ou seja, de capinar uma roça de mandioca. Na versão de Cascudo, o objetivo era deixar o patrão zangado, o que não é possível afirmar com relação à história contada por “dona” Madalena, onde o patrão se zanga e diz “Desse jeitu num vai não. Eu num posso ti dá mais serviçu”. Vemos na relação de alteridade entre ambas as histórias um efeito ideológico, quando o sujeito-narrador concretiza uma atualização da memória sob efeito da naturalização ideológica. Esta se sustenta em “ele era muito preguiçoso” que aparece no início da narrativa e passa a balizar a cadeia metonímica na forma de um significante-mestre, ou S1 (LACAN, 1998), a partir de onde os significantes “num gostava di fazê nada”, “cê num feiz direito” e “num capinô nada” retroagem à mesma zona de sentido instalada pela FD dominante em relação ao modo de produção capitalista, onde quem não trabalha, não produz lucro, é tido por preguiçoso.

É sabido que o interdiscurso nunca é diretamente recuperável. Dois modos de recuperação são o discurso transverso e o efeito de pré-construído:

O “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-ai” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” [transversa, acrescentamos] constitui o sujeito em *sua relação com o sentido*, de modo que ela representa no interdiscurso, aquilo que *determina a dominação da forma-sujeito*. (PÊCHEUX, 1993, p. 164)

Pelo pré-construído, o mecanismo ideológico é articulado porque faz coincidir as formas pelas quais os arranjos sintáticos forçam a interpretar a língua. É o que o sentido linearizado em “priguiçoso” tem do suporte ideológico que, com o uso desse significante, naturaliza uma suposta condição de sucesso ou fracasso. Pode-se fazer a aposta que o sujeito-narrador retroage ao já dito por meio do tópico “trabalho”. Acerca disso, Candido (1997) explica que o modo de vida do caipira paulista é marcado pela colheita, pela hora das refeições e do descanso, pelo momento da caça e da pesca e da sesta. Em outras palavras, vemos como a memória discursiva não é linear, como faz parecer a ideologia; afinal o cotidiano em busca do alimento faz parte de atividades não regidas rigidamente pelo sistema laboral urbano.

Dessa forma, é possível afirmar que ora o sujeito-narrador se ancora em referentes de sentido “prontos”, ora emerge por meio da subversão dos sentidos dominantes. Por exemplo, quando, ao referir-se à esperteza e à artimanha, mobiliza a memória discursiva das condutas do personagem subvertidas em relação à “preguiça”: Pedro capina o “mantimentu” e não “u matu”.

Essa zona de sentido mobilizada pela quebra na expectativa do “fazendeiro” de que Pedro era “priguiçoso” e de que “num gostava di fazê nada” evoca o sentido já disponibilizado pela memória da esperteza deste personagem cuja memória ecoa na figura do “malandro”.

No caso da narrativa contada por “dona” Madalena, esse jogo contraditório dos sentidos mostra a significação do intradiscurso filiada ao sentido dominante, e que não impede a significação de “esperteza” e “artimanha” numa outra zona de sentido, de modo a subverter a ordem estabelecida. Isso pode ser compreendido trazendo o que Candido (1997) ensina sobre a figura do caipira. Para esse autor, o elemento lazer, os momentos de conversa, em que se trocam experiências vividas e os preparativos para as tarefas cotidianas eram parte da organização social do caipira. O trabalho para a sobrevivência articulado a momentos de descanso ao longo de todo o dia não seguia o imperativo do relógio. A lógica das tarefas cotidianas seguia o compasso das ordens do patrão - invariavelmente um fazendeiro - ou o ciclo da natureza, onde se caçava, pescava, plantava ou abria espaço para um momento de “tempo ocioso”, de fundamental importância pela organização das atividades cotidianas (CANDIDO, 1997).

Dessa maneira, o “priguiçoso” Pedro Malasarte dá lugar a este outro lugar da memória discursiva. Em parte este mosaico indefinido da memória sócio-histórica aberta à interpretação também é trazido por Cascudo (1984), quando aponta nessa história a presença do traço aventureiro trazido pela imigração portuguesa.

Esse deslocamento para outros lugares na memória sinaliza que para o sujeito ocupar pelo menos uma posição no simbólico faz-se necessário o deslocamento dos elementos da memória que consolidam uma naturalização dos sentidos como vimos com “num feiz direito”, “num gostava di fazê nada”.

Em sequência, podemos perguntar como essa zona de sentidos ligada ao trabalho, ócio, roubo, artimanha aparece no “Cowboy fora da lei” e na narrativa do “Mineirinho Ladrão”?

No vídeo “Mineirinho, o bombadão e a sovaqueira”, o personagem da vida real “Mineirinho Ladrão” ressalta em meio a suas artimanhas que um dos objetos roubados é para próprio sustento, o que subverte o sentido de “roubo”. O sujeito-narrador conta o ‘roubo’ cometido enfatizando essa parte da narrativa, por um movimento de retorno e retroação ao “já dito” que sustenta a força de evidência com esta parte do interdiscurso que fazemos notar na análise.

SD2 - Repórter: - me conta aqui, pa fazê essa fita cê já chega, analisa a situação, depois pula o muro? Como que funciona u isquema?

Mineirinho Ladrão: - É, eu chego, meto a mão na cerca, jogo, rebentu ela i caiu pa dentro.

Repórter: - Cêis já tinham separadu u material, né?

Mineirinho Ladrão: - **Tinha, tivi (tv), prático, tinha, bujão di gáis, pa fazê a janta lá em casa, qui lá im casa u gáis acabô (risos).**

Repórter: - Se a polícia num chega, hein?

Mineirinho Ladrão: - Se a polícia num chega nós tava lindo.

Repórter: - Tinha separadu u quê pa levá?

Mineirinho Ladrão: - Máquina di solda, motor di bitorneira, **bujão di gáis, mais u bujão di gáis é pa fazê janta lá em casa.** (vídeo: Mineirinho Ladrão, o bombadão e a suvaqueira)<sup>6</sup>

Em SD2, a pergunta do repórter abre um espaço enunciativo para que o sujeito-narrador (re)conte que o “roubo” do botijão de gás atende a uma necessidade premente e “justificável”, como se constituísse um “meio delito”. O eco do sentido dominante de “bandidagem” funciona como um lugar do “não dito” em que se pressupõe o sentido dominante de roubo, pelo efeito de pré-construído evidenciado pela ideologia ao mesmo tempo em que abre uma marca de singularidade primeiro em “pa fazê a janta lá em casa, qui lá im casa u gáis acabô (risos)”. Em seguida, em “bujão di gáis, mais u bujão di gáis é pa fazê janta lá em casa”, a retomada do já dito aparece com o uso da conjunção adversativa “mas”, cujo efeito é de quebra da expectativa e de ruptura com o sentido dominante. Novamente, retornam os sentidos subvertidos de “roubo” alinhados ao “jeitinho” e à “malandragem”.

Note-se que existe um diálogo possível entre os comentários acima e a letra da música “Cowboy fora da lei”, cantada por Raul Seixas (nos anos de 1980), que foi criada num momento político de redemocratização no Brasil. Na letra da canção, destacamos o verso “Eu não sou besta pra tirar onda de herói”, que marca uma ruptura em relação aos dois versos seguintes, cuja força de evidência é de que o “**cowboy fora da lei**” já cumpriu obrigações sociais dadas por convenção (“sou vacinado”). Vejamos:

**SD 3:**

(...) Deus me livre, eu tenho medo

Morrer dependurado numa cruz

Eu não sou besta pra tirar onda de herói

Sou vacinado, eu sou cowboy

Cowboy fora da lei

Durango Kid só existe no gibi

E quem quiser que fique aqui

Entrar pra história é com vocês!<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=pU8\\_o622ReA](https://www.youtube.com/watch?v=pU8_o622ReA)>. Acesso em: 13 set. 2014. Postado por PC Amaral

<sup>7</sup> RAUL SEIXAS, 1987. Disco “Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!” Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-B%C3%A9in-Bum!>>. Acesso em: 13 out. 2014.

Pretendemos mostrar um fio de memória discursiva que passa pelo efeito ideológico que naturaliza a conduta de “Pedro Malasartes” como “preguiçoso” (transcrição literal da narrativa), e é rompida com trechos de Raul Seixas na música citada, como “não sou besta pra tirar onda de herói” em que o processo de significação marcado pelo jogo de sentidos aponta que a expectativa criada pelo “cowboy fora da lei” sinaliza um refúgio em que o uso de “não sou besta” subverte o sentido dominante da malandragem como bandidagem e como marca de alguém “preguiçoso”, como vimos no sentido dominante articulado pelo discurso transversal na narrativa “Pedro Malasartes” de dona Madalena. No recorte “não sou besta pra tirar onda de herói” temos uma subversão dos sentidos de (“preguiçoso”) em Pedro Malasartes também vista no depoimento do “Mineirinho Ladrão” cujo formato de narrativa pode ser visto em: “Você costuma entrar pra roubar? – Uai, depende do que tivê lá dentro” e “só queria um butijão de gás pra mim podê fazê cumida lá em casa”. A subversão do sentido de “roubo” substituído pelo “jeitinho”, cuja atribuição de sentidos vem atrelada ao personagem do “malandro”, produz um efeito de linearidade da memória discursiva.

Por outro lado, temos nesta contradição do jogo de sentidos, a SD4:

---

**SD 4** - Repórter: - *Vale a pena, chega ali, metê a mão, i puxa i pronto?*

Mineirinho Ladrão: - *Uai, depende do que tivê lá dentro.*

Repórter: - *Dessa vez num compensô né?*

Mineirinho Ladrão: - *Uai, compensô. Nós vai durmi, comê di graça.*

Repórter: - *Ti dero uma chapiscada lá, cê tá com o peito sujo, qui é qui foi isso?*

Mineirinho Ladrão: - *Não, isso aqui foi **tentanu corrê dus herói**.*

Repórter: - *Cê foi, tentô corrê, mais num deu certu? Tentô pulá o muro, como é qui foi?*

Mineirinho Ladrão: - *É, eu pulei o muro, vixi, e'is tacô pedra. (risos). Aí, mi acertaro, eu caio no chão, o bombado aproveitô i mi pisô ni mim tudo, machucô minha perna, óia pro cê vê qui covardia. Falei pra ele qui num precisava fazê isso, aí, qui eu ia ficá quietin. (Vídeo: Mineirinho Ladrão, o bombadão e a sovaqueira<sup>8</sup>).*

Nessa sequência, o movimento de sentidos trilha para um ponto de resignificação da narrativa “Pedro Malasartes”. O trecho “uai, compensô. Nós vai durmi, comê di graça” retoma o lugar da zona de sentidos em que já é esperado do sujeito-narrador “levar alguma vantagem”

---

<sup>8</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=pU8\\_o622ReA](https://www.youtube.com/watch?v=pU8_o622ReA)>. Acesso em: 13 set. 2014. Postado por PC Amaral

(expressão nossa) marcada pela malandragem, pelo “jeitinho”, o que abre o campo da significação diante do sentido dominante de roubo visto na SD1 em “Se, u serviçu, já cabô serv, cê chegô, cabô tudu us arroiz, tudu us fejão, tudu us miu qui tava plantadu, i largô us matu”. Neste ponto temos o “engodo” do patrão, pois ele considera que Pedro Malasartes não trabalhara adequadamente, quando, na verdade, arrumara um jeito de reservar alimento, seja plantação, sejam porcos.

É um lugar da interpretação em que a forma-sujeito marca uma singularidade em meio à retomada de parte da narrativa sustentada pela história interacional dirigida ao outro-interlocutor, ao mesmo tempo em que se refugia numa região de sentidos do Outro (no sentido da teoria de subjetividade de base psicanalítica lacaniana que compõe o quadro teórico da Análise de Discurso, conforme PÊCHEUX, 1993), região esta marcada pela evidência de que “roubo” também pode ser substituído por “compensação”, pelo jeitinho que traz como marca “uma vantagem”.

Esta subversão é sustentada pelo uso anterior, no vídeo, de “mais u bujão di gáis é pa fazê janta lá em casa” (SD2), que marca no ouvinte um efeito de “ressalva”. O sujeito-narrador, fazendo uso da adversativa, produz um efeito de sentido de “jeitinho”, um modo justificado de estar “fora da lei”; em outras palavras, sem ser “besta pra tirar onda de herói”. O personagem do cotidiano “Mineirinho” tomou uma “chapiscada” quando tentava “corrê dus herói”. O sentido de herói é polissêmico, a saber: o “bombadão” que o capturou (a polícia), e ele mesmo, que consegue “roubar”, e, se não tem sucesso em “fazê a janta em casa”, pelo menos vai “dormir e cumê dí graça”.

Vale a pena somente mencionar que parte deste imaginário da cultura brasileira acerca do anti-herói aparece na criação literária de Mario de Andrade. É Macunaíma, o herói “sem nenhum caráter”. Nessa história, as aventuras de Macunaíma são marcadas por encontros como o de “Ci” (a mãe do mato) encontrada após o confronto com o Curupira e a perda da pedra verde (Muiraquitã) dada por ela. Dentre suas peripécias, o deleite da narrativa é produzido pela ironia empregada no encontro com Venceslau Pietro Pietra, o Piaimã comedor de gente, quando Macunaíma parte para São Paulo em busca da pedra.

Tendo como pano de fundo o mato verde mítico, o herói sem nenhum caráter sofre com as misérias da condição humana, como a fome. Esse diálogo com o romantismo histórico revirado pelas críticas a um mundo eurocêntrico é mostrado por Faria (2006), ao analisar o enquadre histórico da obra e a intenção de Mario de Andrade em mostrar um Brasil pela desordem da imagem homogênea de sua gente e de sua natureza idílica, tendo em vista marcar o lugar de um povo singular em seu vigor estético e político, que, no livro de Mário de Andrade,

pode ser visto quando Macunaíma descobre as estratégias do Curupira. A pedra “verde”, figura indicativa da salvação, espécie de Santo Graal, que, no caso do mineirinho, é concretizada pelo botijão de gás, nos remete aos elementos estéticos, cuja memória discursiva põe um jogo político entre a certeza do “já sabido” sobre o “malandro” significado como “fora da lei” e o imprevisto das artimanhas pelas quais há uma indefinição em relação à “chegada dos heróis”.

No vídeo do episódio do “Mineirinho, o bombadão e a suvaqueira”, vemos o anúncio da chegada dos “heróis” (policiais), que não estavam ali para salvá-lo da “suvaqueira” (surra, espancamento), mas atendendo à presença dos vizinhos salvadores do cidadão que teve a casa invadida. A expectativa do ouvinte é quebrada, subvertida. Desta forma, a narrativa dá voz aos lugares subvertidos pelas artimanhas da malandragem em que a memória discursiva dos “fora da lei” ecoa em efeitos de sentido em discurso.

### **Considerações finais**

O *corpus* com o qual trabalhamos permitiu compreender que o discurso coloca em jogo zonas de sentido atravessadas pela significação da “malandragem”. Por conta da formação imaginária envolvida nesta naturalização (expectativa de que o interlocutor compartilhe esses sentidos naturalizados), é possível, pelo resgate da memória discursiva construída sobre a construção do significante “malandragem”, que este se consolide e circule de maneira aparentemente homogênea, mas ao mesmo tempo abrindo para diferentes percursos da memória discursiva. Vimos, portanto, como o processo de ressignificação em Pedro Malasartes se dissipa em uma rede de memória em que uma narrativa que circula na tradição oral atravessa e é atravessada por atualizações do jogo de sentidos sobre “malandragem”. Isso demonstra como a forma oral do arquivo é testemunhada, compartilhada, por uma dispersão de vozes e por um jogo discursivo com os sentidos.

### **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, M. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte/MG: Itatiaia. 1928/1986.

BARBOSA, L. **O jeitinho brasileiro**: a arte de ser mais igual que os outros. Rio de Janeiro: Campus. 1992.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transferência dos seus meios de vida. 8. ed. Editora 34. São Paulo/SP: 1997.

CASCUDO, Luís Câmara. **Literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte/MG: Itatiaia. São Paulo/SP: Ed. da USP. 1984.

\_\_\_\_\_. Seis aventuras de Pedro Malazarte. In: CASCUDO, L.C. **Contos Tradicionais do Brasil**. Rio de Janeiro/RJ: Ediouro. 2003. 188-194.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 5. ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 1999.

COURTINE, J.J. Définitions d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours. **Philosophies**, vol. IX, p.239-265, octobre, 1982.

DAVALON, J. A imagem, uma arte de memória? In: P. Achard (Org.). **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

FARIA, D. Makunaima e Macunaíma: entre a natureza e a História. **Rev. Bras. Historia**. São Paulo, v. 26, no. 51, 263-280, 2006. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 2 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas/SP: UNICAMP. 1995.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e História. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

HENRY, P. A História não existe? In: E. P. Orlandi (Org.). **Gestos de leitura**: da História no Discurso. Tradução de Bethânia Mariani et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. Rio de Janeiro/RJ: Companhia das Letras. 1936/1995.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar. 1998. p. 807-843.

MATTA, R. Sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa na Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. RJ/RJ: Rocco. 1997. 181-248.

ORLANDI, E.P. Discurso: fato, dado, exterioridade. In.: CASTRO, M.F.P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas/SP. UNICAMP, 1996, p. 209-219.

\_\_\_\_\_. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis/RJ: Vozes. 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas/SP: UNICAMP, 1993.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. In: ACHARD, P. (Org.) **Papel da memória.** Campinas/SP: Pontes. 1999.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes Editora, 1990.

PEREIRA, A C.. **Mito e autoria nas práticas letradas.** 2009. Tese (Doutorado), FFCLRP-USP, Ribeirão Preto/SP.

POSADA, M.C. (Org.). Sopa de Pedras. In: **Contos populares para crianças da América Latina.** São Paulo/SP: Ática. 1984. p. 7-15.

ROMERO, S. Uma das de Pedro Malas-artes. In: **Contos populares do Brasil.** Rio de Janeiro/RJ: José Olympio editora. 1954. p. 49-54.

TFOUNI, L.V. **Letramento e Analfabetismo.** Tese de Livre Docência, 1992, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto/SP. 1992.

\_\_\_\_\_. **Letramento e Alfabetização.** São Paulo: Cortez. 2004.

[Recebido: 25 nov. 14 – Aceito: 17 jun. 15]